CIDADANIA E DEFESA

BOLETIM INFORMATIVO

Nº 34 Janeiro – Março de 2009

O vil metal...

... nesse mundo virtual
o dinheiro começou a valer
como valor intrínseco que tudo justifica!
A noção de Bom ou Mau
passou a depender da relação:
dá ou não dá dinheiro?!

AACDN ASSOCIAÇÃO DE AUDITORES DOS CURSOS DE DEFESA NACIONAL

Instituição de Utilidade Pública

Boletim Informativo da AACDN - Associação de Auditores dos Cursos de Defesa Nacional

Cidadania e Defesa

Praça do Príncipe Real, 23 r/c Dto 1250-184 Lisboa

Tel : 213 465 888 Fax: 213 257 886
E-mail:aacdn.boletim@mail.telepac.pt

visite o nosso site - **www.aacdn.pt**

Ficha Técnica

Direcção
Joaquim Silveira Sérgio

Edição
Francisco Marques Fernando

Composição Gráfica
Elisa Pio

Colaboração
Miguel Fradique da Silva

Colaboração Fotográfica
Lusa - Agência de Notícias de Portugal, SA

Execução Gráfica
Gráfica Central de Almeirim, Lda
Zona Industrial, Lote 41 - D - 2080-221 Almeirim
Tel : 243 591 555 Fax: 243 597 559 E-mail:geral@graficacentral.pt

Tiragem
1 000 Exemplares

Depósito Legal nº 260726/07

Nº 34 Janeiro – Março de 2009

Sumário

3 | Editorial

5 | Ministro da Defesa Nacional – Rui Pena

6 | Crónica das Arábias - II Parte
(Relato da viagem à Jordânia realizada pela AACDN em Setembro de 2008)

14 | Não à crise! O povo vencerá!...

19 | Na Gávea da Nau – A Melhoria do Ensino e da Educação Implica o Fim das Contradições no Sistema

22 | Acontecimentos & Actualidades

26 | UmDeCadaVez (Jorge Manuel do Vale Alves Pereira)

Capa – O vil metal...

Os artigos assinados são da responsabilidade dos seus autores

EDITORIAL

Caros Colegas

Estamos pouco habituados ao confronto das verdades, e quando elas surgem no quotidiano, mais parecemos uma ave pernalta a debicar os grãos de milho, num milheiral cheio de picos, com muito cuidado para não nos picarmos.

Prende-se este intróito com a emergência do "insólito", vindo das palavras proferidas pelo Senhor Cardeal Patriarca de Lisboa, Chefe máximo da Igreja Católica em Portugal. E o que expressou – ainda que para muitos puristas do linguajar político possa não ser politicamente correcto – é aquilo que a generalidade das pessoas ocidentais, inclusivamente as devidamente informadas, pensam. Algumas, mesmo, com experiência directa... Diga-se o que se disser e por mais trejeitos que se derem às palavras...

O que o Cardeal Patriarca fez, não foi mais do que uma chamada de atenção, a quem normalmente caminha, perpassando pelos factos em comungante distracção ou, talvez, a quem ande a levitar pela magia do amor, que antes de darem passos, como o do casamento, com pessoas que perfilham a religião corânica, seria sensato, sobretudo às *candidatas*, informarem-se conscientemente do modo de viver, de estar e de pensar dos futuros cônjuges – que lessem previamente o Corão – a fim de minimizarem os possíveis problemas/atritos que venham daí a surgir.

Será este conselho ultrajante, inopinado, saído da boca para fora sem mais nem ontem? Pessoalmente, não creio. Sobretudo por parte de quem o disse.

Até se poderia concordar que deveria ter sido outra pessoa ligada à Igreja, que não o próprio Cardeal...Enfim, mas o que foi dito está dito...e não há volta a dar.

Concorde-se ou não com o conteúdo de certas afirmações, os altos dignitários da Igreja não têm por hábito esbanjar palavras ao sabor do vento.

Sobre este ponto, que erisipelou muitas consciências (talvez ainda embevecidas, ou em estado de graça), gostaria que as mesmas se pronunciassem quanto à sua liberdade de circulação, de se poderem separar quando entenderem, de se poderem vestir como quiserem, de poderem escolher livremente qual o catecismo que melhor poderá orientar espiritualmente os seus filhos. Gostaria igualmente de perguntar a tais pessoas, se já viveram na terra do respectivo cônjuge, sobretudo junto da família do mesmo, e por quanto tempo.

E se, na verdade, tais plenas liberdades existirem no seio de algumas dessas famílias (ainda bem que existem) mais não são do que excepções que acabam por vir confirmar a regra.

Também gostaria de perguntar o que aconteceria, em países mulçumanos, a autores como Dan Brown (*Código de Da Vinci*), James D. Tabor (*Dinastia de Jesus*), já para não falar de Saramago *(O Evangelho segundo Jesus Cristo*), de entre muito outros, se escrevessem e romanceassem sobre aspectos menos esclarecidos ou controversos da vida do Profeta.

Que eu saiba, actualmente, no dito Ocidente, de maioria cristã, ainda que

estes autores fossem contestados, provocassem polémicas e manifestações em ambos os sentidos opinativos, ou em ambos os lados da barricada, nunca foram perseguidos ou condenados à morte, nem os seus livros deixaram de se vender – antes pelo contrário!

Por outro lado, nas afirmações do Senhor Cardeal, também não se vislumbram afirmações de superioridade de uma Teosofia em relação a outra, nem da Igreja ser detentora da Suprema Verdade. Trata-se, tão-somente, de chamar a atenção para as delimitações. Para as diferenças reais... E elas existem!

Por isso, já vai sendo tempo de se parar com a política do avestruz, de fingir que tudo está e vai bem, que os povos são todos o mesmo.

Actualmente, no Ocidente, sobretudo na Velha Senhora Europa, vive-se em permanente acomodação, procurando "não agitar muito as ondas". Condescender é quase palavra de ordem. E assim vamos continuando a acenar com a terapêutica da democracia para quem aparenta dificuldade em entendê-la na sua plenitude...

Uma coisa é respeitar as diferenças que existem entre os povos – e ainda bem que assim é, que elas existem, porque são um factor de enriquecimento da Humanidade; outra é subjugar-se ao arbítrio das minorias, que encontram na Europa e, em traços mais largos, no Ocidente a liberdade que lhes é cerceada, na maior parte das vezes, nos seus países de origem.

Daí que se possa por isso entender, o facto de certos sofistas – que não *sofos* – políticos (os designados politiqueiros) se refugiarem no não expressar, de viva voz, que o legado histórico da Europa para o Mundo – do direito à diferença, do respeito pelo cidadão, independentemente do seu credo, género ou raça, da vivência plena da democracia – tem por subjacência a doutrina cristã!

Daí, também, como corolário lógico, que a Carta, que pretende edificar esta manta de retalhos de povos e costumes (é bom não esquecer que na própria Europa também há diferenças, como é, por exemplo, o caso dos povos latinos e nórdicos como uma realidade una, vivificada numa plena liberdade responsável de compreensão e fraternidade), não contenha essa insofismável verdade.

Mas se os tais politiqueiros pensam que, com esta omissão, com estas atitudes de benevolente compreensão, ganham o respeito dos restantes povos de outras paragens, desiludam-se. Mais não fazem do que demonstrar a sua debilidade. E quem gera debilidades não pode esperar que lhe tenham respeito.

Por isso, para além de ser importante descobrir as vias que permitam vir a ultrapassar esta profunda crise económica e social, importa à Europa, igualmente, vencer esta problemática questão referente à sua identidade, ao seu modo assertivo de afirmação. É que, apesar da sua vetusta idade, o Mundo, no seu global, tem muita necessidade da sua presença. Mas de uma presença forte, que sirva de fiel a uma balança de pratos cada vez mais oscilantes.

Joaquim Silveira Sérgio

Ministros da Defesa Nacional dos Governos Constitucionais pós-25 de Abril

Rui Pena
(XIV Governo Constitucional)

Nome: Rui Eduardo Ferreira Rodrigues Pena
Data de nascimento: 25 de Dezembro de 1939
Naturalidade: Torres Novas

Nascido em Torres Novas, no dia de Natal de 1939, Rui Eduardo Ferreira Rodrigues Pena foi nomeado, em 2001, Ministro da Defesa Nacional do XIV Governo Constitucional, sucedendo no cargo ao Dr. Jaime Gama. Em 1978, era Primeiro-Ministro o Dr. Mário Soares, no II Governo Constitucional, Rui Pena exerceu as funções de Ministro da Reforma Administrativa, remontando as suas raízes políticas até à década de 1960.

Rui Pena estudou em Santarém, onde completou o Curso Liceal, com a média final de 18 valores. Entre 1957 e 1962 frequentou o Curso de Direito da Faculdade de Direito de Lisboa, licenciando-se com a média final de 17 valores. Na mesma Faculdade, cursou Ciências Político-Económicas.

Durante três anos, o Dr. Rui Pena cumpriu as suas obrigações militares na Armada (Reserva Naval), onde foi Cadete, Subtenente e Segundo-Tenente.

Ainda como jurista, foi contratado para trabalhar nos serviços de Contencioso e no Gabinete de Estudos da SACOR (Sociedade Anónima de Combustíveis e Óleos Refinados), a primeira refinaria do Estado, antecessora da moderna GALP. Já inscrito na Ordem (9 de Junho de 1964), o Dr. Rui Pena foi advogado e consultor da empresa até 1975, tendo também exercido funções na ANGOL (actual SONANGOL, Sociedade Nacional de Petróleos de Angola) e na Companhia de Seguros União. Junto do Ministério do Ultramar, participou activamente na definição jurídica do regime de concessão dos direitos para a prospecção, pesquisa e exploração de hidrocarbonetos nas ex-colónias e até no Continente.

Tendo sempre como principal actividade a advocacia – ainda hoje é *Senior Partner* da Sociedade de Advogados Rui Pena, Arnaut e Associados –, o Dr. Rui Pena empres-tou-se, ainda, à docência, tendo leccionado a cadeira de História das Ideias Políticas, no Curso Superior de Administração do Instituto Superior de Línguas e Administração. Na Faculdade de Direito de Lisboa, leccionou a cadeira de Direito das Obrigações; e foi regente da cadeira de Direito Administrativo. Foi, ainda, regente das cadeiras de Direito Administrativo I e II, na Universidade Autónoma de Lisboa.

Entretanto, chegam os cargos públicos e políticos de maior destaque. Foi nomeado Ministro da Reforma Administrativa; foi Presidente do grupo português da União Interparlamentar; integrou o corpo de árbitros e conciliadores do *International Centre for Settlement of Investment Disputes* (ICSID) e foi eleito para a Assembleia Municipal de Lisboa. Durante a década de 1990, além da docência, desempenhou funções de administrador não-executivo de diversas empresas industriais e comerciais e, sob o Governo de António Guterres, foi nomeado Ministro da Defesa Nacional.

Principais medidas enquanto MDN

Rui Pena foi Ministro da Defesa durante menos de um ano, entre 3 de Julho de 2001 e 6 de Abril de 2002, pelo que o exercício das suas funções e a sua actividade legislativa se encontraram limitados por aqueles escassos nove meses. Ainda assim, foi durante a sua permanência no cargo que se publicou a Lei Orgânica n.º 3, de 2001, de 29 de Agosto, sobre o direito de associação profissional dos militares, e a Lei de Programação Militar, publicada a 14 de Novembro.

Em 12 de Janeiro de 2002, acompanhado pelo CEMGFA e pelo CEMA, o Dr. Rui Pena, respondendo ao compromisso assumido por Portugal em 21 de Novembro de 2000, na Conferência dos Dadores, em Díli, entregou duas lanchas da ex-classe "Albatroz", criando assim o embrião da Marinha timorense – a Componente Naval das Forças de Defesa de Timor-Leste.

Recentemente trazido aos títulos de alguns jornais, o nome do Dr. Rui Pena, enquanto Ministro da Defesa Nacional, surgiu à volta do caso *Freeport*, revelando-se que, na altura, o Ministério da Defesa se manifestou contra o projecto inicial, uma vez que estava em causa a defesa patrimonial do Campo de Tiro de Alcochete.

Autor

O Tenente RC Paulo Moreira é licenciado em Português e Francês, pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, em Vila Real. É Redactor do *Jornal do Exército* desde Setembro de 2007.

Crónica das Arábias

(Relato da viagem à Jordânia realizada pela AACDN em Setembro de 2008)

II Parte

Deserto…Beduínos… e a Terra Prometida! Mudámos de autocarro e de guia: esta chama-se Lilianne (diminutivo Lilia), já tem uma idadezinha, mas, apesar do seu ar pesado e afogueado, move-se com impressionante ligeireza. Assume desde logo um certo ar trocista, que se tornará simpático com o tempo.

Atravessámos agora uma zona desolada de colinas brancas, de formas estranhas e por vezes grotescas.

À direita divisa-se uma planície enevoada, onde parece manter-se teimosamente ensombrada,… a cidade de Jericó. Não sei se já disse que, nesta planura de contornos indefinidos, céu de chumbo e sem a mais leve aragem, a temperatura ronda os 40ºC…

Começamos a subir, por entre montes de calcário inóspitos e vales desolados, que fazem parte do Deserto da Judeia, onde Jesus jejuou e foi tentado pelos demónios.

De vez em quando surgem acampamentos de Beduínos, que… decerto conseguiram inventar alguma

forma de tirar proveito deste deserto....Os Beduínos são nómadas (o nome significa Sem Terra), que vivem frugalmente, criando umas cabras que lhes fornecem alimento e derivados que conseguem trocar por outras necessidades. A nossa guia diz que são completamente inofensivos e tolerados por todos os povos!
Subimos muito e, por entre as pedras, começam a aparecer alguns pinheiros, cedros e ciprestes. E, repentinamente, nos montes mais altos e no meio da bruma, surgem as primeiras casas de Jerusalém.
Apenas atravessámos a cidade, pois vamos a caminho de Belém. Praticamente as duas cidades tocam-se, mas após uma pequena zona desabitada, com uma rotunda onde a nossa guia israelita nos deixou, olhamos surpreendidos um muro alto e cinzento, que rodeia a cidade de Belém.
Como é sabido, a convivência entre Judeus e Muçulmanos é um assunto delicado. Depois da Intifada, em que as pedras sublinhavam os adjectivos com que os Palestinianos cumprimentavam os soldados, vieram os bombistas suicidas e a insegurança para todos e em todos os lugares. A solução de Israel consistiu em controlar muito bem as fronteiras e isolar os focos problemáticos. Assim, Belém, Jericó, Ramallah, etc foram entregues à Administração Palestiniana e rodeadas de muros de contenção. É muito triste, mas eficaz!...

Belém... e os contrastes: o sino e os altifalantes!
Passado o muro, entrou novo guia: Chama-se George Salvador, é cristão (ortodoxo), jovem, robusto e revela uma grande determinação. Na memória ficou o seu andar desengonçado, o chapéu de caqui à caçador e... a sua muita fé!
Deixamos o autocarro e caminhamos a pé, subindo para a Igreja da Natividade. Por coincidência são 12h45 m e dos minaretes irrompe o chamamento: "Allaaah uuuh... Aaabkaaar ...."
Passado um pouco, os sinos da igreja, no seu badalar triste e majestoso, abafam e contestam os brados vigorosos do Muezim... Apesar de toda a agitação da multidão que connosco sobe para o terreiro da mesquita, confesso que o lamento melodioso destes sinos me emocionou!...
Depois da foto colectiva no terraço exterior da Igreja, o pátio interior é um refúgio fresco e acolhedor, onde os brados dos altifalantes da pregação muçulmana chegam como as trombetas do Apocalipse. Afinal a essência da religião será combate ou submissão, prédica ou meditação, ruído ou silêncio? ...quem sabe?... ...Sentado no claustro fresco e majestoso, imune a toda o alvoroço, o nosso guia George reza em profundo recolhimento interior...

Aconteceu em Belém... há 2000 anos!
Aqui se venera o local onde nasceu Jesus Cristo, nas palhas duma manjedoura. A basílica principal data do tempo de Justiniano (sec VI) e foi construída sobre outra edificada em 325, às ordens de Sta Helena, mãe de Constantino, primeiro imperador cristão. Em 614, os Persas invadiram a Palestina, destruindo todas as igrejas excepto esta, porque um mosaico representando os Reis Magos, em trajes persas, os deixou intrigados. Esta igreja bizantina professa hoje o rito ortodoxo, mas os outros ritos, arménio, católico e copta, têm aqui os seus altares e o acesso livre à Gruta da Natividade.

Na nossa visita, vimos ainda os mosaicos da igreja primitiva que foram postos a descoberto debaixo do piso actual.
A descida à gruta é comovente e deixa uma impressão muito forte. Há vários espaços interligados (capela de S. José, de S. Jerónimo) e consta que aqui foram enterrados os santos inocentes, vítimas de Herodes.
O mistério do nascimento torna-se presente e imaginamos as pessoas alojadas nas grutas que constituíam um abrigo seguro naquelas noites frias.
Maria sente chegada a hora e sobe para o estábulo onde sempre dispõe de alguma privacidade. E depois a agitação de todos aqueles deslocados, pelo

nascimento dum bebé entre eles, nas condições previstas nas escrituras e com fenómenos inexplicáveis...
...Aconteceu aqui um episódio que podia ser grave: perdi as notas, os manuscritos (alguns do Mar Morto!) para esta crónica. Mas com a graça de Deus, tudo se resolveu: retrocedi com o guia e... lá estavam eles na gruta, guardados por santos e mártires !...
De novo no autocarro, deslocámo-nos agora para o Campo dos Pastores, através dum trânsito desordenado...
Na fachada de encosto dum prédio vejo que alguém desenhou uma alegoria que dá que pensar: Dois burros, um branco, outro preto, sobre um a cidade de Jerusalém e no outro a de Belém. Têm os rabos atados e cada um puxa para seu lado...
O campo dos pastores é um lugar de paz e sossego, numa colina adquirida, preservada e ajardinada pelos padres franciscanos. É uma zona de cavernas, onde, segundo a tradição, os pastores dormiam, quando foram acordados pelo anjo...
Sítio lindo, a tarde está amena, sopra uma brisa fresca ... saímos de coração lavado!

Um jantar no Ramadão

Devolvidos à administração israelita, a guia Lilia orienta-nos para o nosso Hotel *Grand Court Jerusalem*, que fica muito próximo da cidade muralhada. Espera-nos um óptimo jantar: havia carne de vaca, peixe e até uma espécie de sopa com muitos vegetais.
Estamos no Ramadão, é sexta-feira, dia santo muçulmano, os empregados estão nervosos do jejum e excitados para a grande festa, logo que o Sol se esconda. Talvez esse sentimento seja contagioso, porque também nós estamos desejosos de sair à aventura...

E a aventura aconteceu!...

Somos apenas cinco, a experiência não é colectiva. Que me desculpem os que tiveram outras experiências, mas não resisto em contar esta!...
Lá vamos!... Após algumas dificuldades de orientação, chegámos a uma grande praça ajardinada e à esquerda temos a Porta de Damasco. A transição é radical: saímos duma zona escura sem ninguém, para um verdadeiro arraial. Os passeios estão cheios de carros, carrinhos e carretas de venda de tudo: fruta, carnes, espetadas, bombons, sumos, sei lá que mais! Da Porta de Damasco, como a lava dum vulcão, sai uma torrente de gente, principalmente jovens, em louca euforia!... Coitados, embora dispensados de trabalhar, é sexta feira, devem estar cheios de fome e necessidade de festejar... sabe-se lá o quê!
A Porta de Damasco tem umas escadinhas a descer para uma ponte sobre o fosso e, depois da porta, um ângulo recto. Tudo muito apertado... Já que chegámos até aqui, tentamos entrar contra a corrente, o que não é nada fácil.
Como formigas em formigueiro pisado, saem que nem loucos, com a alegria estampada no rosto. Ainda passámos o cotovelo e espreitámos a curva e as ruas com iluminação festiva.
Mas não podíamos deixar de reparar em três militares na esquina apertada, fortemente armados e em grande alerta. A prudência avisou-nos que aquela era uma situação de grande instabilidade. Saímos, mas não resistimos em sentar nas escadinhas no meio dos jovens, que logo arranjaram espaço e até uns cartões para não sujarmos os rabinhos... apareceu até um "narguilé" e houve quem puxasse umas fumaças!...
... Havia bombinhas e fogo de Carnaval, luz e cor, cheiro a assados,... lembrou-me Alfama nos santos populares... só faltavam as sardinhas!...

Dia 6 de Setembro – Jerusalém

Este é o dia dedicado à "peregrinação" pelas ruas da velha cidade. Jerusalém significa "cidade da Paz" (Salem, ou Shalom…) Mas paz foi coisa que nunca conheceu. Foi destruída 10 vezes, sitiada 50 e conquistada mais de 30!
Passámos ao largo da grande muralha construída pelo sultão turco Suleiman no séc XVI. Entrámos pela Porta de Herodes, outro reconstrutor, e vamos seguir a "Via Dolorosa", itinerário de Cristo para o Calvário.

A Via Dolorosa!
A cidade muralhada está dividida em quatro bairros, de acordo com a arquitectura quadriculada romana: muçulmano, judeu, cristão e arménio. Entrámos pelo bairro muçulmano, espécie de Alfama. A Guia chama-nos a atenção para uns desenhos sobre uma porta significando que o dono está ausente, em peregrinação a Meca. Os filhos decoram-lhe a casa e quando chega passa a chamar-se Hadj, o "Santo"…
A via dolorosa começa no Arco do *Ecce Homo*, onde existia a fortaleza Antónia, construída por Herodes em honra do seu amigo Marco António. Aí se deram os episódios do julgamento, a flagelação e a venda das roupas dos condenados. Este arco foi o que restou da destruição dos monumentos cristãos e judeus no tempo do imperador Adriano (117 dC). Aliás os judeus dizem que Adriano foi o pior imperador, apenas porque viveu mais tempo.
Aqui começamos uma caminhada ascendente por ruas mal calcetadas, parando nas estações da via sacra, umas assinaladas por capelas e outras apenas por placas. É uma caminhada dura e comovente, apesar de haver sempre lojas e alguém a querer vender alguma coisa…
… Um colega arranjou um raminho de alfádega e esse cheirinho é um lenitivo nesta via dolorosa…
Chegámos assim a um ponto mais alto que decerto corresponderia à travessia da muralha antiga. A partir daí o percurso era exterior à muralha até ao Calvário, lugar de execução e sepultura.

Agonia e morte… E a raiva dos invasores, incomodados com a nova fé!
Aperta o coração imaginar a agonia dum condenado, humilhado e escarnecido, desfalecendo de calor e sede, carregando um peso excessivo que é o instrumento da sua tortura e morte! È uma crueldade sem nome e representa de facto uma nódoa e um

fardo moral para a condição humana.
Assim chegámos à igreja do Santo Sepulcro, depois de subir a colina do Gólgota. Numa pequena esplanada, com um poço e hortas, vivem umas monjas em reclusão, alimentando-se apenas de água e arroz. São cristãos coptas, descendentes de Salomão e da rainha de Sabá.
Esta basílica foi sucessivamente destruída por romanos, persas e turcos (em 1009). Esta destruição pelos turcos conduziu à invasão dos cruzados, que a reconstruíram em 1149. Está dividida entre seis comunidades e a sua guarda compete ainda aos descendentes dos mamelucos egípcios. A capela que cobre o lugar do sepulcro fica no interior da basílica, é bizantina e tem um aspecto muito sombrio: paredes escurecidas pelo fumo das velas, o chão parece alcatrão, devido á acumulação de cera e fumo de velas ao longo de séculos.
Subimos alguns degraus para visitar as capelas, uma católica, outra grega ortodoxa, construídas sobre a rocha onde decorreu a crucificação. Debaixo desta rocha que se elevava a 15 m do solo, havia grutas e cavernas, onde os mais ricos mandavam cavar os seus túmulos. José de Arimateia era um judeu muito rico e a cedência do seu túmulo significa que Jesus tinha adeptos entre gente importante.
Dentro duma caverna, com acesso pela basílica, vimos um túmulo como seria na época: uma câmara onde se reuniam os familiares enlutados e outra mais pequena onde se colocava o corpo sobre uma plataforma cavada na rocha calcária. Saímos deste local com o coração apertado e os ombros carregando muitos séculos de injustiça e crueldade dos nossos semelhantes. Mas pelo menos aqui, os diferentes credos conseguem conviver respeitando-se mutuamente!

Um monte de sepulturas…mas com a melhor vista da cidade!

Tomámos de novo o autocarro e fomos visitar o Monte das Oliveiras. No trajecto havia muita confusão porque era a saída das crianças das Escolas. Estamos numa zona muçulmana: as crianças, em jejum por causa do Ramadão, transportam grandes mochilas e muita roupa. As meninas por baixo da saia usam ainda uma calça comprida. Todos vestem de igual: camisa branca, saia e calça azul-escuro com lista vermelha.
No Monte das Oliveiras já não há oliveiras. O imperador romano Tito mandou cortá-las, sabe-se lá porquê! Mas a vista é impressionante: para lá do vale do Cédron, avista-se todo o lado nascente e sul da muralha e os monumentos principais no seu interior. Encostados à muralha, os cemitérios cristão e muçulmano. E deste lado do vale, o cemitério judeu estende-se por mais de 8 km, até Betânia. É impressionante, com as suas campas de calcário branco, sem flores ou árvores. Todos os judeus anseiam ser enterrados, "olhando Jerusalém". Alem disso, acreditam que o juízo final será aqui no vale do Cédron...
No miradouro, somos recebidos, é claro, pelos vendedores de recordações. Podemos também dar uma volta de burro ou de camelo (dromedário!). Chegam peregrinos coptas que cantam e dançam ao som de tambores... Sopra uma brisa fresca... vêem-se as colinas, hoje cheias de edifícios mas no tempo de Cristo cobertas de árvores. É agradável …compreende-se a sua atracção por este local.

Almoço no Kibutz…

Partimos, contornando a muralha, e fomos almoçar a um kibutz, nas colinas viradas a Belém.
Apesar das reclamações iniciais, o repasto foi melhorando à medida que fomos ficando saciados.

Temos de ser justos: comemos os produtos mais naturais, da própria exploração agrícola…Foi o único sítio onde não tivemos de pagar as águas! Eu, pessoalmente, gostei e apreciei também a capacidade de fazer germinar uma terra que noutros locais parece estéril!…

O jardim de Getsemani, uma ilha de paz…

De novo rodeámos a muralha e agora a Norte podemos ver, entre as portas de Herodes e de Damasco, as primeiras fiadas de pedra colocadas pelos judeus regressados do exílio da Babilónia (538 aC). Foram destruídas e reconstruídas várias vezes, mas manteve-se sempre esse assentamento de grandes blocos.

Voltámos ao vale do Cédron, para visitar o Jardim de Getsemani, que mantém ainda a mesma aparência do tempo de Jesus. É um lugar idílico… No jardim, além das buganvílias, podem ver-se oliveiras com mais de 400 anos. Uma delas é assinalada como anterior a Cristo. Das suas entranhas carcomidas saem rebentos vigorosos e cheios de frutos…

Aqui passou Jesus a noite em que foi traído por Judas e entregue a Caifás. Aqui teve início o drama da Paixão! A igreja chamada das Nações, porque 16 países contribuíram para a sua construção, é um lugar fresco que convida à oração e meditação. Pelas janelas translúcidas em alabastro, filtra-se uma luz diáfana que realça os mosaicos, cópias dos originais bizantinos…

Na Capela da Dormição, temos no subsolo uma estátua de Maria dormindo, rodeada de capelas oferecidas por diversos países. Segundo os Evangelhos, Maria morreu em Éfeso com 65 anos, mas foi transportada pelos anjos a Jerusalém, donde subiu aos Céus. (Recordo na viagem à Turquia, a casa onde Maria viveu, num local muito lindo e inspirador).

A última Ceia… e a Política!

O local onde se realizou a última Ceia, o Cenáculo, fica fora da muralha, no Monte Sião. É uma sala grande, nobre e muito luminosa, parece uma Sinagoga, com colunas esbeltas e cúpula de pedra lavrada. É um lugar importante para os Judeus e diz-se que no seu subsolo estaria o túmulo do Rei David. Os turcos expulsaram os cristãos da capela superior e converteram-na em Mesquita, adicionando um minarete e o mihrab, ou nicho de orações virado para Meca.

Fico a pensar na importância que teriam Jesus e os seus amigos para se permitirem cear naquele local. Aliás José de Arimateia, que lhe cedeu o sepulcro, era um homem rico e com influência. Cheira-me a baixa política. Provavelmente começou a incomodar alguns poderes mais sombrios! Faço ideia de como ficaram preocupados com a recepção do Povo a Jesus no Dia de Ramos e as maquinações que se iniciaram…

Bairro Judeu, e os gatos cretinos!

Fizemos um pequeno passeio a pé e entrámos de novo na muralha pela Porta de Sião. Estamos agora no Bairro Judeu. Percorremos uma rua estreita muito limpa e cuidada, cruzámos com judeus ortodoxos, no seu trajo negro… Curiosamente, as mulheres, que com eles passeiam, usam trajos muito leves. Num dado momento, vemos ainda os restos do Cardo Máximo, com as suas colunas…

E depois subimos aos telhados e terraços, para ter uma vista diferente. Diz-nos a Guia que estamos já sobre a zona do mercado por onde passámos na Via Dolorosa. Lilia entra numa de confidências sobre a sua vida na Rússia e dos judeus em geral. Ficámos a saber que os judeus rigorosos significam apenas 5%. Os outros são-no apenas por conveniência. Mas todos praticam o respeito e o culto dos antepassados.

O kipa que se coloca sobre a cabeça é para lembrar que Deus está sempre por cima.
Os terraços são o reino dos gatos. Há um que nos rodeia, mas não se deixa acariciar. Decerto incomodado com a invasão dos seus domínios, vai fazer um xi-xi quase nas nossas pernas. Reacção imediata da Lilia:
Oh! Cretino!... Árabe!...

Depois do jantar, vou ainda dar uma espreitadela na Porta de Damasco: É outro mundo! Sossegado! ... apenas alguns judeus de traje rigoroso (aqueles estranhos chapéus negros, que parecem bolos de anos...), passeiam com as suas mulheres.
É o Sabath!...

Dia 7 de Setembro – Jerusalém e de novo a Jordânia

Hoje, vamos despedir-nos de Jerusalém! Mas ainda temos muito para ver. O nosso motorista vai fazer um *raid* final por outros lugares santos. Este motorista, de nome Radjia, distingue-se pela sua paciência, posta à prova quando desesperávamos na confusão de pessoas e veículos em Belém e no Monte das Oliveiras...
Lá nos leva, de novo, na volta da muralha com a vista do Monte das Oliveiras e do Cemitério Judeu.
Agora vamos ver o Muro das Lamentações: lembra o tempo em que o Templo foi destruído por Nabucodonosor (587 a.C). Só ficaram as fiadas mais baixas, em gigantescos blocos de pedra. Parte do povo foi levado cativo para Babilónia (Bagdad) e o profeta Jeremias dizia: "não chorem, no próximo anos estaremos em Jerusalém!".
Demorou 50 anos, mas entretanto o povo, que ficou, habituou-se a ir chorar, nas pedras do templo destruído, as suas desgraças.
No muro, os judeus rigorosos rezam com as mãos apoiadas na parede. Alguns soldados armados, curiosamente colocam um pano sobre a cabeça e também oram, oscilando o tronco...

Lamentações e... oportunismo!
Mas, inesperadamente, eis que há um Auditor, em atitude digna e respeitosa, com as mãos bem apoiadas na parede, desfiando as suas queixas... Logo, um judeu de traje rigoroso o aborda e estabelece o que parece uma conversação amistosa. O nosso colega leva a mão à carteira e assistimos, supomos, ao início duma bela amizade, com a evidente troca de cartões!
No entanto, perante a nossa perplexidade, o nosso colega apenas confirmou um persuasivo pedido de "alguma coisinha para as obras do Templo". Decerto esta prática é tão antiga como o Templo!...
De novo no autocarro, rodeámos a muralha, já familiar, vemos o cemitério muçulmano e as escadinhas onde Jesus ensinou os rabinos!...
Vamos a caminho de *Ein Kerem.* Atravessámos a cidade moderna, zona judia, muito bem cuidada, lindas moradias, jardins, trânsito ordenado... Que contraste com a zona leste, árabe, onde a confusão impera!....
Hoje é domingo; só para os cristãos é dia de descanso. Mas eles são tão poucos! Logo, por aqui é um dia normal de trabalho. Uma curiosidade: em hebreu, os dias de semana dizem-se como em português: segunda, terça, etc. (claro que na sua língua!). Ora aí está uma herança inesperada!
Passámos o *Knesset*, ou Parlamento, onde, segundo a guia, há 120 deputados e 121 opiniões diversas. E também o Museu do Holocausto, que deveríamos ter visitado, mas, segundo a Lilia, seria demasiado demorado...

Turista sofre...
A Lilia, para nos entreter, contou uma história engraçada da sua experiência como guia:
... Foi esperar à fronteira jordana um grupo de italianos e notou o semblante carregado e irascível duma senhora. Perguntando ao Padre o que se passava, soube que essa senhora tinha tido o infeliz desaire de... esquecer a dentadura no hotel!
"Ora, temos de resolver já isso, vamos telefonar para o hotel!"
De Amã confirmam o achado duma grande prótese dentária, que seria rapidamente enviada para a fronteira:
Chegou a prótese e há que cumprir as formalidades alfandegárias. E aí é que o problema ficou complicado: Dizia o militar: "Tudo bem, já temos os dentes! Mas ainda falta o corpo!..."

Um lugar lindo!
Vamos agora percorrendo um sítio lindo: colinas de florestas de pinheiros mansos, cedros e ciprestes. Seria assim a Jerusalém do tempo de Jesus? De facto, para aquilo que vimos até aqui, isto é um paraíso! A tal terra prometida?
Descendo um vale profundo, entrámos numa cidadezinha simpática: Ein Kerem, onde vivia Isabel, prima de Maria e mãe de João, chamado Baptista. Aqui visita-se a igreja que recorda o baptismo de S. João. A história está contada em painéis de azulejos em 41 línguas. No interior da igreja, construída pelos Franciscanos (1885), há azulejos portugueses (mas

com muito mau gosto na sua aplicação).
S. João Baptista era um judeu essénio, circuncidado, que resolveu iniciar uma vida nova de penitência e, para marcar a decisão, baptizou-se no Rio Jordão. Começou depois a divulgar essa prática para aqueles que queriam também mudar de vida e inclusive baptizou Jesus, como dizem as escrituras.
Subindo uma pequena encosta, vamos ainda ver a Igreja da Visitação, que comemora o encontro da Virgem Maria com a sua prima Isabel, ambas grávidas de figuras marcantes da religião cristã... Nas paredes da igreja, em mosaicos de cerâmica, o Magnificat em 41 idiomas.
Este é um lugar idílico de paz e meditação, com uma vista linda e um clima ameno... Mas no alto dos montes vêem-se já as novas urbanizações de Jerusalém que caminha já para o milhão de habitantes.

Jericó entre a neblina... e de novo na fronteira!
Deixámos Jerusalém e atravessámos de novo os montes do deserto da Judeia, descendo para a depressão do Mar Morto. De novo avistámos à esquerda, ...Jericó entre a neblina.
Nas colinas brancas da terra de ninguém, colunas de poeira revelam os veículos militares que percorrem sistemática e eficientemente toda essa faixa.
O controlo da fronteira é rigoroso, mas muito mais rápido que na Jordânia. Os jovens militares são até simpáticos e sorridentes...
No posto fronteiriço jordano, a demora do costume.
Deu-se aqui um fenómeno estranho: uma invasão de moscas árabes, inofensivas mas chatas o suficiente para desencadear um torneio de "tiro à mosca" que manteve alguns colegas em grande agitação até que o ar condicionado acalmou tanto os guerreiros como os invasores.
Atravessámos agora caminhos já conhecidos, mas vistos duma nova perspectiva: as plantações de bananeiras e palmeiras, as casas inacabadas, as palhotas com terreiros de canas, como em África, as mulheres de albornoz negro e cara tapada, os burros.., parece que não passamos só uma fronteira!...
Voltámos ao Hotel do Mar Morto para reaver um telemóvel esquecido... felizmente ninguém esqueceu os dentes!...

Agora à luz do dia, o hotel parece um oásis no meio do deserto!... Parece que os colegas, que foram ao WC, tiveram de passar a máquina com todo o rigor, mas em contrapartida foi-lhes concedido um acolhimento vip...

Continua (II de III)

Autor

Engenheiro Sousa Pereira
Sócio nº 875/04 da AACDN

Não à crise!
O povo vencerá!...

Realmente este Inverno está ficando muuuito desconfortável ... e ameaça mesmo transformar-se no "Inverno do nosso Descontentamento"!
Tudo começou com um anticiclone lá para os lados de Wall Street e logo uma frente fria, com nuvens negras ameaçadoras, avançou sobre a Europa. A pressão consumista baixou abruptamente e os gurus, pasmados com esta evolução, inventaram até uma estranha e efémera palavra, "Estagflacção", para caracterizar tão inopinado comportamento. A acalmia momentânea dissipou-se, esqueceu-se o neologismo, voltou-se à segurança da familiar depressão, mas agora há quem diga que a tempestade é global e o clima não mais será o mesmo!
Aqui, neste canteiro do jardim europeu, o Governo recomenda calma e tranquiliza-nos porque, atendendo à pequena dimensão e talvez à Senhora de Fátima, com certeza não seremos atingidos pela borrasca ... E mesmo que o sejamos, os nossos bancos são sólidos e a construção anti-sísmica está feita para resistir!
Pelo sim, pelo não, estamos em alerta amarelo que, talvez devido ao clima, está ficando laranja e com tendências para avermelhar!
Só para chatear, Bruxelas avisa que a tempestade será maior que o previsto pelo Ministro das Finanças e há receios que uma depressão de origem económica, centrada sobre a Península Ibérica, por aqui estacione até sabe Deus quando!...
Resignados, já só pedimos que a chuva não dê em trovoada!...

Atenção! Estou a brincar, mas o assunto é muito sério!

Se alguém ainda não percebeu, eu esclareço que estou mesmo a falar da crise económica, que começou por ser imobiliária, passou a financeira e caminha inexoravelmente para uma crise social!

Por enquanto é uma festa para os media e os comentadores económicos, mas a drástica redução da procura, com a generalizada baixa de encomendas, e o consequente desemprego não são boas notícias.

Costuma dizer-se que as crises são óptimas oportunidades para repensar estratégias e mudar o que correu mal. Eu costumo dizer que é necessário conhecer o passado para compreender o presente e planear o futuro. Artigos sobre a génese da crise, já li muitos e pareceram-me lógicos, mas acho que falta qualquer coisa!

Tenho estranhado muitas coisas nestes últimos tempos! Começou pela vulgarização da palavra "projecto", já lá vão para aí uns 30 anos. Para mim, um projecto exigia uma concepção genial, muito estudo, uma estrutura lógica muito sólida e deveria concretizar-se numa proposta inédita e exequível. Depois começámos a chamar projecto a uma simples declaração de intenções, sem viabilidade ... Enfim,

... um projecto exigia uma concepção genial, muito estudo, uma estrutura lógica muito sólida e deveria concretizar-se... Depois começámos a chamar projecto a uma simples declaração de intenções, sem viabilidade ...

habituei-me à relatividade das coisas e das palavras... Depois, a nobre palavra "investigação" foi baixando na exigência, bastando umas consultas na biblioteca, ou, de forma mais expedita, no mar lamacento da Internet...

Depois tentei compreender o significado profundo da expressão "Engenharia Financeira" e aí confesso que não consegui atingir tamanha profundidade!...

Quando comecei a conviver com a expressão "realidade virtual" (contradição semântica), compreendi que o mundo tinha mudado e resignei-me à posição de espectador curioso e interessado ...

Por mais que naveguemos nesse mundo virtual, precisamos duma base sólida, ou como se diz em linguagem científica, dum "referencial de inércia"

... a nobre palavra "investigação" foi baixando na exigência, bastando umas consultas na biblioteca ou (...) no mar lamacento da Internet...

para relativizar as nossas observações e quantificar as conclusões. E nada precisa de mais solidez que o sistema financeiro, sobre o qual assentamos a nossa noção de segurança (em tempo de paz). Essa rocha sólida onde ancorar as nossas esperanças, chama-se código de valores éticos ou morais. E esses nunca podem ser virtuais porque neles assenta a base de confiança e credibilidade para a nossa vida em sociedade.

Perante a desgraça e a miséria dos pobres e dos muito pobres, estas situações são crimes morais e deveriam passar à categoria de crimes sociais!

Mas deixemos de parte a filosofia e passemos a coisas concretas. Que mundo é este, onde os bancos se chamam lojas e vendem selos e medalhas? Onde se negoceiam as dívidas incobráveis e se oferecem

O sistema financeiro tremeu, porque perdeu a credibilidade que advém do cumprimento dos valores éticos e morais

créditos a quem nem sabe o valor do dinheiro? Onde se propõem como investimentos os chamados "produtos estruturados" (outra virtualidade) que ninguém sabe onde são aplicados? Onde os administradores atribuem a si mesmos vencimentos e regalias escandalosas? Onde se prometem juros que ultrapassam qualquer margem racional?

Essa D. Branca ou pirâmide descomunal tinha mesmo de desabar!

E por que o fizeram? Porque nesse mundo virtual o dinheiro começou a valer como valor intrínseco que tudo justifica! A noção de Bom ou Mau passou a depender da relação: dá ou não dá dinheiro?!

O sistema financeiro tremeu, porque perdeu a credibilidade que advém do cumprimento dos valores éticos e morais.

Mas, infelizmente, não é só no sistema financeiro que se praticam estas malfeitorias. Vejam-se os valores absolutamente escandalosos nas remunerações, transferências, prémios dos jogadores de futebol … e da comandita que os rodeia!

E a doença alastra já no mundo das artes, da comunicação social, etc.

Repare-se que estou falando apenas dos negócios legais (embora imorais), porque muitos outros gravitam já na esfera da criminalidade. Depois há uma área de penumbra entre os dois, onde campeia a corrupção, envolvendo políticos e empresas… Tudo gente muito considerada … de colarinho branco (e alma negra)!

Para quem não tem princípios morais, bem depressa a ambição se transforma em ganância e corrupção e o poder em arrogância, nepotismo e traição.

Perante a desgraça e a miséria dos pobres e dos muito pobres, estas situações são crimes morais e deveriam passar à categoria de crimes sociais! Quando ouço falar das remunerações dos famosos e olho o abismo entre elas e o chamado ordenado mínimo (e os mínimos

Para quem não tem princípios morais, bem depressa a ambição se transforma em ganância e corrupção e o poder em arrogância, nepotismo e traição

dos que não tem ordenado!), penso em violência e terrorismo. Que Deus me perdoe, mas depois de ver o mundo em que vegetam muitos seres humanos, cuja dignidade nem pelos próprios chega a ser percebida, começo a compreender a razão de Al Qaedas, Palestinos, Talibans e outros que nem têm organização política que os represente!

Estou convencido de que, no substrato desta crise económica, rasteja uma crise moral que se alimenta das desigualdades sociais e se vem agravando ao longo das décadas de fulgor desta sociedade pateticamente consumista e hedonista!

Os que me conhecem sabem que desde há muito venho levantando estas questões. Na disciplina de *Ética, Comunicação e Sociedade,* que leccionei, muitas discussões e trabalhos finais versaram este tema.

Mas não vou dizer "eu bem avisei", nem pensem que estou pessimista.

Não, os episódios dolorosos que permitem identificar uma doença insidiosa são meio caminho para a sua cura. Julgo que perante as evidências que se vão acumulando, o nosso sistema económico terá de se reformar para corrigir excessos e perversões. E penso que a culpa não é do capitalismo, mas sim do liberalismo selvagem, em que tudo é permitido desde que dê dinheiro e poder.

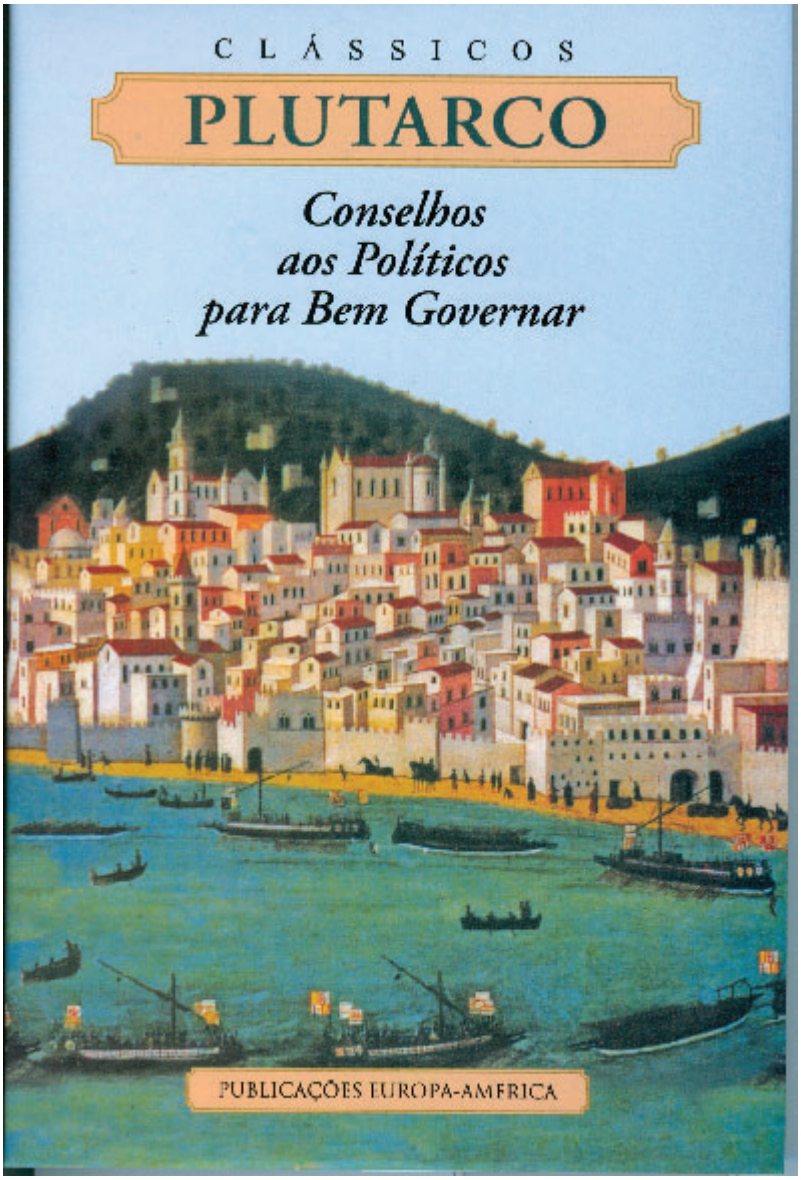
Acredito que os valores morais da Honra, Honestidade, Altruísmo, Solidariedade, Sensibilidade Social, etc serão reabilitados e a acumulação e ostentação de riqueza deixarão de ser o padrão para o reconhecimento e respeito social.

... no substrato desta crise económica, rasteja uma crise moral que se alimenta das desigualdades sociais e se vem agravando ao longo das décadas de fulgor desta sociedade pateticamente consumista e hedonista!

E que ninguém fique apavorado perante uma crise económica, com recessão e provável deflação. O Japão entrou num processo semelhante nos anos 90, de que só agora está emergindo. Curiosamente, o seu nível de vida, educação, saúde, habitação, melhorou neste período! Estou a ler a História do Japão e há muito a aprender nos ciclos rápidos em que essa economia tem vivido e a sua ligação com os códigos de valores!

Lembrem-se que nós vivemos no lado bom do mundo e que um abaixamento do nível de consumo ainda nos deixa muito acima dos 4/5 que vivem no "mundo cão".

Mas nada tem tanto poder na evolução humana como o comportamento dos modelos sociais. A percepção de que há políticos honestos gera nas massas (não gosto nada desta palavra) uma tendência positiva, e o inverso ainda é mais perceptível. E o mesmo é dizer



... a culpa
não é do capitalismo,
mas sim
do liberalismo selvagem,
em que tudo é permitido
desde que dê dinheiro
e poder

das pessoas com responsabilidade na educação e na administração da Justiça .
Por isso é grande a expectativa, quando um homem não branco, com um nome tão incrível como Barack (Irack?) Hussein (Sadam?) Obama (Bin Laden?), consegue a liderança da nação mais poderosa, fazendo convergir em si as esperanças mundiais. É um homem honesto, com um discurso moral irrepreensível! A sua imagem de integridade, o exemplo vindo do topo, não deixará de influenciar positivamente a emergência dos valores morais e a atenuação dos conflitos.

Só por isso, este ano de 2009 ficará como um marco na História mundial. Mas espero principalmente que o seja pela viragem na valorização do Bem, na atenuação das desigualdades sociais e no início de uma era de paz e solidariedade entre povos!

P.S. Já agora, aqui vai uma receita caseira anti-crise:
É muito simples, como todas as coisas naturais.
Trata-se apenas de fazer crescer os dois factores, que contribuem para o aumento de qualquer forma de energia:
o factor cinético
ou dinâmico
e o factor estático
ou potencial.
Em Economia,
o factor cinético
é o Trabalho.
Logo, mais formigas
e menos cigarras!...
O factor potencial
é a Educação.
Logo, mais e melhor educação.
Não é isto
o que tem faltado?
Pois a minha receita é esta.
Precisa ainda de uns temperos que cada um fará a seu gosto!
Se gostarem, divulguem-na!
E... pratiquem-na!

Autor

Engenheiro Sousa Pereira
Sócio nº 875/04 da AACDN

A Melhoria do Ensino e da Educação implica o Fim das Contradições no Sistema

Agitado pela força irosa dos elementos que sopram com inusitada violência provenientes de várias frentes, continua perigosamente encapelado o mar da Educação. E é tanto mais perigosa e prejudicial esta situação quanto é certo que ventos e correntes contrárias que o agitam, embora acidentais, impedem que comandantes e marinheiros se debrucem porfiada, serena e lucidamente sobre as razões essenciais da sua muita e degradante poluição. É que se começa a descrer da sua utilidade enquanto factor de eficiente contribuição para o desenvolvimento integral da população que se propõe alimentar científica, cultural, social e profissionalmente.

Como já aqui afirmámos, vem de longe o processo de degradação da qualidade do ensino e da educação concretizados objectivamente na Escola, sob a égide e tutela de um sistema político-administrativo excessivamente regulamentarista, cientificamente néscio, pedagogicamente inábil, humanamente insensível, caracterizado por aberrantes contradições quer na concepção quer na fundamentação quer na aplicação das decisões que tem vindo a tomar ao longo das últimas três décadas do século XX e da primeira do século XXI. A situação que hoje se vive não é mais do que o reflexo das contradições existentes, traduzidas em graves incoerências e incongruências de difícil aceitação e entendimento.

São contradições que têm ocorrido e continuam a ocorrer a nível de ideologias, de conceitos, de valores, de princípios, de pressupostos, de objectivos, de metodologias, de organização e de actuação. Contradições que não é difícil detectar e se encontram consagradas não só na Lei de Bases do Sistema Educativo, ma sobretudo na legislação subsequente, toda

ela elaborada casualmente, ao sabor de pontuais interesses de classe, de grupo, de partido ou até individuais.

Ultimamente, inseridos em várias publicações da imprensa escrita, sob a forma quer de artigos de opinião quer de cartas dirigidas aos respectivos directores, têm surgido interessantes e incisivos testemunhos provenientes de personalidades que não se eximem do dever cívico de, seja qual for a sua orientação ideológica, contribuir para a recuperação e saneamento do sistema.

Da leitura atenta, analítica e imparcial de muitas destas opiniões (a maior parte, de docentes desapontados e amargurados com o estado em que se encontra a Escola) não é difícil detectar várias contradições entre si. Resultam, naturalmente, da visão que cada qual tem do fenómeno e do conhecimento empírico-experimental em que fundamenta essas opiniões.

Deste facto, perfeitamente natural e compreensível, se infere a facilidade com que, a nível político, as contradições podem ocorrer, se se atentar no impressionante número de equipas ministeriais da Educação que no processo têm intervindo e deixado a sua marca, e também na diversidade ideológica dos membros que têm constituído cada equipa.

De facto, neste aspecto têm-se verificado casos verdadeiramente extraordinários, como é o de certos dirigentes sindicais que, perfilhando, enquanto tal, determinada ideologia e defendendo princípios e valores com ela compatíveis, chegada que foi a oportunidade de integrar uma equipa ministerial do sector, passaram a abdicar dela e a defender princípios, valores e práticas contrários ao então adoptados. São situações que se verificaram ao longo dos últimos tempos e que ajudam a confirmar as causas do estado de incoerência, indefinição, ambiguidade e incongruência em que se encontra o sistema educativo português.

Normalmente, quando confrontados com situações de difícil solução, como é a actual no que à Educação respeita, os responsáveis políticos têm especial propensão a congeminar e encontrar uma forma hábil, airosa e aparentemente eficaz de a resolver, sacudindo a água do capote, que é a de nomear mais uma comissão ou criar mais um conselho, integrados por entidades representativas dos vários sectores de actividade, a fim de estudar o assunto e propor soluções. É a estratégia já conhecida, segundo a qual, quando nada se quer mudar, nomeia-se uma comissão para que tudo fique na mesma. Curiosamente, comissões e conselhos a estudar questões relacionadas com a educação e o ensino, a nível nacional, regional e local, são instrumentos que abundam. E discute-se, discute-se muito sobre questões de *lana caprina*; mas quanto a propostas coerentes, exequíveis, fundamentadas, eficazes e pedagogicamente úteis, nicles.

Aliás, é famosa a afirmação de certo dirigente político,

É a estratégia já conhecida, segundo a qual, quando nada se quer mudar, nomeia-se uma comissão para que tudo fique na mesma

segundo a qual, "uma comissão para ser eficaz não deve ter mais de três elementos e para que as suas reuniões sejam úteis dois deles hão-de estar ausentes". (Este não era dos que, em vez de hão-de, dizem *hadem*!).
Não menos elucidativa é a história que se conta daquele grupo de dezena e meia de pessoas que se reuniram num sábado para elaborarem um projecto de estatutos para uma associação a fundar. Iniciados os trabalhos, todos tiveram oportunidade de emitir o seu juízo e dar a sua contribuição para o objectivo em vista. De tal modo contribuíram, que, ao fim de oito horas de debate com intervalo para o almoço, não conseguiram ir além do art. 1º do projecto, agendando nova reunião para o sábado seguinte. Então, um dos elementos do grupo com alguma experiência nestas andanças, que achara demasiada onerosa a perda do tempo ali gasto em lucubrações descabidas, resolveu escrever ele um projecto de estatutos, levando-o para a sessão seguinte. Uma vez lido, menos de uma hora depois, fora aceite por unanimidade.
Não. Não vou sugerir que se entregue a uma só pessoa a elaboração do urgente e indispensável projecto de reestruturação (de baixo acima e de fio a pavio) do sistema educativo português. O que sugiro é que se retome o hábito, que nunca devia ter sido abandonado, de recorrer à experiência, conhecimento e competência dos técnicos que desenvolvem a sua actividade nas respectivas divisões dos vários organismos centrais do Ministério, incumbindo-os de estudar, analisar e avaliar com serenidade, espírito crítico, objectividade e isenção toda a documentação existente nos arquivos que a esta questão respeita e, a partir dela, se defina uma coerente política de educação para a realidade social e cultural do País e se estabeleça uma ágil e eficiente organização escolar apta a executá-la com a qualidade e rigor por que a Juventude espera e anseia.
É chegado o tempo de acabar com facilitismos. A Escola é um exigente local de trabalho e de construção de saberes.

Autor

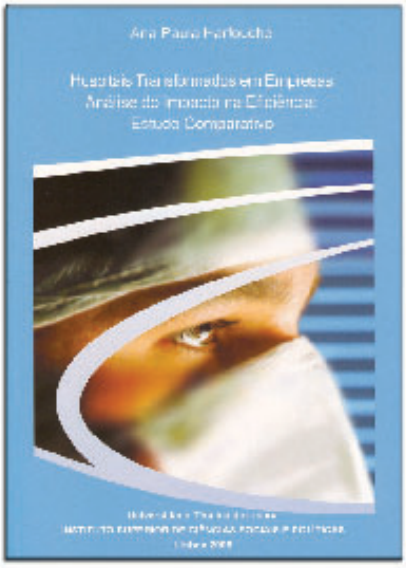
Pinho Neno
Mestre em Ciências da Educação
Sócio nº 572/96 da AACDN

Empresas e Instituições amigas da AACDN

Acontecimentos & Actualidades

Hospitais Transformados em Empresas

A Dr.ª Ana Paula Harfouche, nossa associada nº 940/06, é a autora do livro que aqui se divulga e sobre o qual o Dr. Luís Filipe Vieira, ex-Ministro da Saúde, fez a seguinte apreciação:



Num país em que as Políticas Públicas adoptadas pelos sucessivos Governos são avaliadas muitas vezes (senão a maior parte das vezes) de maneira não objectiva pelos actores políticos, frequentemente de acordo com os seus interesses na luta política ou com base em preconceitos ideológicos, o trabalho da Dr.ª Ana Paula Harfouche revela-se muito importante para a análise objectiva e neutral da Reforma do Sector da Saúde lançada em Dezembro de 2002, no que respeita a um dos seus aspectos principais: a transformação jurídica de uma parte significativa dos Hospitais até então pertencentes ao Sector Público Administrativo (Hospitais SPA) em Hospitais-Empresa (incluídos no SPE – Sector Público Empresarial do Estado).

Esta transformação colocou 31 Hospitais sob um novo Estatuto jurídico (o das sociedades anónimas), conferindo-lhes uma maior autonomia e flexibilidade de gestão com vista a incrementar fortemente a sua eficiência, sendo que a elegibilidade daqueles Hospitais para este novo Estatuto foi determinada por forma a representarem cerca de 50% do Sistema Hospitalar Público em todas as suas dimensões: internamentos, consultas, n.º de camas, n.º de médicos e n.º de enfermeiros.

O objectivo último desta Tese de Mestrado é precisamente a análise do desempenho, em termos de eficiência, entre os hospitais empresarializados e aqueles que mantiveram o seu Estatuto tradicional utilizando uma metodologia que evidencia os resultados comparativos de serviços prestados à população: internamentos, consultas externas, urgências e respectivos custos incorridos.

Como responsável, enquanto Ministro, da Reforma da Saúde lançada em Dezembro de 2002, não posso deixar de saudar este trabalho meritório da D.rª Ana Paula Harfouche que embora desenvolvido para fins académicos é também útil para os profissionais de saúde e para o público em geral, em última instância, o destinatário dos impactes (positivos ou negativos) das Políticas Públicas.

Cidadania e Defesa, boletim trimestral

Por deliberação da Direcção da AACDN, tendo em atenção a contenção financeira, foi achado conveniente que a periodicidade do boletim *Cidadania e Defesa* deixasse de ser de dois em dois meses e passasse a ser trimestral.

Assim, este boletim reporta-se ao 1º Trimestre de 2009.

Novo Horário de Trabalho da AACDN

A partir de 1 de Abril do corrente ano, o horário de funcionamento da sede da AACDN passa a ser das 14:00 às 18:00 horas.

Portugal e a Aliança Atlântica

No âmbito da comemoração dos 60 anos da NATO, teve lugar no dia 26 de Março, no Instituto da Defesa Nacional, um seminário subordinado ao tema *Portugal e a Aliança Atlântica*.

A conferência de abertura foi proferida pelo Ministro de Estado e dos Negócios Estrangeiros, Dr. Luís Amado, e a conferência de encerramento deveu-se ao Ministro da Defesa Nacional,. Prof. Doutor Nuno Severiano Teixeira.

Estiveram presentes altas entidades civis e militares.

A AACDN fez-se representar pelo seu Presidente e Vice-Presidente.

Jantar-debate com o Professor Miguel Monjardino

Está previsto para o dia 21 de Maio um jantar-debate com o Professor Miguel Monjardino, cujo tema será proximamente anunciado.

Sábado Cultural na Quinta da Regaleira

A AACDN irá realizar, no dia 23 de Maio, mais um *Sábado Cultural*, desta vez traduzido numa visita guiada à Quinta da Regaleira, em Sintra, local paradigmático do esoterismo em Portugal.
O Prof. Doutor José Manuel Anes, especialista exímio em temas esotéricos, será quem vai acompanhar o grupo da AACDN. Seguir-se-á um almoço em restaurante local.

X Congresso Nacional

O X Congresso Nacional da AACDN terá lugar em Lisboa, de 23 a 25 de Outubro, e o tema a tratar será o seguinte: Novos Equilíbrios – Sair da Crise.
Perspectivam-se, como subtemas, as seguintes vertentes: Crise de Valores, Segurança e Economia Global.
A participação está aberta a todos os sócios através da apresentação de comunicações sobre os temas referidos, devendo um resumo (que não poderá exceder uma folha A4, em suporte informático, letra Areal 12, com espaço e meio), a ser posteriormente analisado pela Comissão Cientifica, dar entrada na sede da Associação até ao dia 21 de Junho de 2009.

Viagem Cultural

A tradicional viagem da Associação, este ano, vai realizar-se de 21 a 30 de Julho, tendo por destino os Países Bálticos (Estónia, Letónia e Lituânia) e São Petersburgo.

A organização da viagem foi adjudicada à Connect MICE Portugal, Lda (Teresa Begonha), por deliberação da Direcção.
O preço da viagem é de 2 520.00 •, para um mínimo de 35 pessoas, ou de 2 500.00 •, para um mínimo de 45 pessoas. O suplemento individual é de 595.00 •.
Oportunamente serão dados mais pormenores.

Protocolo com a SHIP

A AACDN irá assinar um Protocolo de Colaboração com a Sociedade Histórica de Independência de Portugal (SHIP), em sessão solene, no próximo dia 25 de Maio, sendo a hora oportunamente marcada.

Quotas em 2009

Por proposta da Direcção, foi deliberado em Assembleia Geral ordinária manter o valor da quota anual nos mesmos **60,00 Euros**, valor que vem já de Janeiro de 2005.
Para os associados que ainda não tiveram oportunidade de o fazer, **solicita-se o pagamento das quotizações**, actual e em falta, utilizando um dos seguintes meios:
- Por débito na conta bancária do sócio, através do preenchimento e remessa à Sede da AACDN (Praça do Príncipe Real, nº 23 R/C Dtº, 1250-184 Lisboa) do impresso de "autorização de débito em conta", enviada com o Boletim 14/2004;
- Por transferência ou depósito na conta bancária da AACDN, na Caixa Geral de Depósitos (NIB: 0035 0667 0000 0479 0307 7), que poderá ser efectuado em qualquer Caixa Multibanco, num balcão da Caixa Geral de Depósitos, ou através do Internet Banking;
- Por transferência directa na CGD para a conta 0667 000479 030;
- Por cheque remetido à Sede.

Em qualquer dos casos, é fundamental **indicar sempre o número de sócio**, de modo a permitir aos Serviços da Associação identificar a proveniência dos valores recebidos.

Sábados Culturais

1-2-3-4-5-6-7-8-9-10-11-12-13-14-15-16-17-18
19-20-21-22-23-24-25-26-27-28-29-30-31

Janeiro-Fevereiro-**Março**-Abril-Maio
Junho-Julho-Agosto-Setembro-Outubro
Novembro-Dezembro **2009**

Toda a regra tem excepção e este Sábado Cultural,excepcionalmente, foi no dia seguinte, 1 de Março, domingo

Visita aos Paços do Concelho da Câmara Municipal de Lisboa

No dia 1 de Março, realizou-se mais uma visita cultural da AACDN, desta vez ao edifício dos Paços do Concelho da Câmara Municipal de Lisboa, na qual participaram cerca de cinquente pessoas entre auditores e acompanhantes.
O dia estava aceitável, o que nos permitiu usufruir de uma boa luminosidade, quer no interior, quer no exterior do edifício.

A visita foi magnificamente orientada pelo arquitecto da CML, Ezequiel Marinho, a quem agradecemos a qualidade do enquadramento técnico e cultural propiciado.
Como o ponto de encontro era na entrada do edifício, começámos por uma observação geral da Praça do Município. Tendo como eixo central um pelourinho dos finais do século XVIII, o arranjo da superfície da praça é de Eduardo Nery e as esculturas, que ladeiam as rampas de acesso ao parque de estacionamento, de Jorge Vieira.
O edifício dos Paços do Concelho ficou concluído por volta de 1774, sendo um projecto do arquitecto Eugénio dos Santos. Em Novembro de 1863, um incêndio destruiu quase todo o edifício pombalino.
A sua reconstrução pode ser dividida em duas fases: a 1ª fase (1866-1874), de reconstrução geral do edifício, sob orientação do arquitecto Domingos

Parente e a 2ª fase (até à colocação do frontão), com alterações ao projecto inicial e muita polémica quanto à forma que o frontão iria tomar. Esta fase esteve a cargo do engenheiro Ressano Garcia, director da Repartição Técnica da Câmara.

Em Novembro de 1996, outro incêndio destrói quase completamente o 2º e 3º andares, assim como a cobertura.

A reconstrução do edifício vai ser desta vez pautada por dois objectivos fundamentais: restaurar as áreas nobres de reconhecido valor histórico e artístico e dar aos pisos superiores, anteriormente vocacionados para o desempenho institucional, um perfil funcional e personalizado. O projecto geral e a sua coordenação ficaram sob a responsabilidade do arquitecto Francisco Silva Dias, que procurou tornar o edifício atraente e suporte de arte pública. Intervieram também, ao nível do rés-do-chão, o designer Daciano Costa e nos outros pisos os arquitectos João de Almeida, Nuno Teotónio Pereira e Manuel Tainha. Colaboraram, ao nível das artes plásticas, os artistas plásticos Pedro Calapez, Jorge Martins, Irene Buarque, Maria Velez, Sá Nogueira, Charrua, Fernando Conduto, Eduardo Nery e Jorge Vieira.

Depois de uma observação da fachada, que incluiu o frontão e o seu programa escultórico, entrámos no edifício e dirigimo-nos à Sala de Arquivo, projecto de Domingos Parente, com estantes distribuídas em duas galerias, aproveitando a totalidade do pé direito, da autoria do arquitecto José Luís Monteiro.

Ainda no piso térreo, visitámos a Sala adaptada para as Sessões Públicas da Câmara, em que pontificam pinturas de Sá Nogueira e Maria Velez. Pavimento e busto da República de Fernando Conduto.

Passámos pela escadaria e respectiva cúpula. No primeiro aniversário da implantação da República, foi colocada no patamar da escada uma laje comemorativa da autoria de Simões de Almeida (sobrinho). Todo o conjunto é iluminado por um lanternim de ferro e vidro da autoria de João Burnay que foi adossado à cúpula, decorada no interior com motivos de estilo Renascença em tromp-l'oeil da autoria de José Pereira Júnior (Pereira Cão), sendo os tímpanos de Columbano Bordalo Pinheiro.

Seguiu-se a Sala da República, assim designada por incluir retratos de personalidades relevantes do movimento republicano. O tecto é de Pereira Júnior e Procópio Ribeiro. Os medalhões ovais são de José Malhoa e os medalhões redondos de canto de Columbano Bordalo Pinheiro. A esteira circundante é de Pierre Bordes.

Continuou-se pelo Salão Nobre, onde têm lugar cerimónias de carácter formal. A concepção e desenho do tecto é da autoria de Pierre Bordes e a execução pictórica de Eugénio Cotrim e Procópio Ribeiro. Apresenta uma grande pintura alegórica da cidade, que tem Lisboa como figura central, denominada *Exaltação de Lisboa,* da autoria de José Rodrigues (1833). Na sanca, os 16 medalhões evocativos de personalidades históricas foram pintadas por José Malhoa e António Nunes Júnior. Os fogões de sala, de gosto renascentista, com esculturas de José Moreira Rato Júnior (esquerda) e José Pereira Luís Júnior (direita), foram feitos em mármore de Carrara, o seu desenho é de José Luís Monteiro (1813), tendo a sua execução ficado a cargo de Germano José Sales (1883-1885).

Seguimos para a Sala Rosa Araújo, assim designada por nela se encontrar o retrato deste antigo Presidente da Câmara Municipal de Lisboa, ligado à construção da actual Avenida da Liberdade. O tecto é da autoria de Pereira Júnior e Procópio Ribeiro. Nos medalhões ovais estão representadas as quatro estações do ano e noutros mais pequenos, em camafeu, perfis masculinos da autoria de José Malhoa. Pierre Bordes é responsável pela esteira circundante.

Passámos pela Galeria, organizada em quatro alas simétricas e que abre para escadarias por arcadas de vãos abertos, suportadas por pilastras caneladas. Molduras de estuque, preenchidas com bustos de personagens históricas da autoria de Pierre Bordes.

No Andar Nobre, no gabinete ocupado pelo Presidente, vimos um tapete com desenho de Julião Sarmento e mobiliário de Daciano Costa. As pinturas são de Manuel Amado e Carlos Botelho.

Na Sala das Sessões Privadas pudemos ver o tecto de Pierre Bordes e Eugénio Cotrim. Nos cantos, perfis de monarcas reinantes, de quatro países ligados a Portugal. A pintura central é da autoria de José Rodrigues. Constam desta sala dois quadros da autoria de Domingos Sequeira: *A cidade de Lisboa protege as Vítimas das Invasões Francesas e O Génio da Nação Portuguesa*. O mobiliário é do arquitecto José Luís Monteiro, executado por Victor Knotz.

Subimos depois a escadaria de acesso ao 2º andar, concebida pelo arquitecto João de Almeida em colaboração com o artista plástico Jorge Martins.

No 2º andar, espaço destinado ao debate informal do executivo, vimos a Sala dos Vereadores da autoria do arquitecto Manuel Tainha. O mobiliário desta sala é de Daciano Costa, Le Corbusier, Mies Van der Rohe, Eileen Gray, Jacobsen e Hansen.

O corredor deste piso foi concebido pelo arquitecto Nuno Teotónio Pereira e pela escultora Irene Buarque. Helena de Almeida é a responsável por uma "Instalação", nas portas de ambas as alas deste corredor.

Da açoteia vimos a magnífica vista que se vislumbra sobre o rio Tejo e o casario da baixa pombalina, a fazer-nos recordar o último *Sábado Cultural* da AACDN, em que visitámos a Exposição sobre *O Plano da Baixa Hoje*, no Páteo da Galé. Pudemos ainda observar a massa do zimbório em cobre.

Entrando novamente no edifício, a escadaria sul é da autoria do arquitecto Silva Dias com intervenção da escultora Irene Buarque, sendo Pedro Calapez o responsável pela pintura do respectivo tecto.

Esta visita foi tanto mais interessante quanto nos aproximamos do centenário da implantação da República, em que este edifício foi uma peça marcante.

Paula Brazão Pereira

Muitos continuam
a ser os Auditores
dos Cursos de Defesa Nacional que,
ao longo de mais de três décadas,
se notabilizaram
nas mais diversas áreas: nas Artes
ou nas Letras,
nas Ciências ou
na Educação, na Política ou na Guerra.
Porque a sua acção
é digna de mérito,
vale a pena ficar
a conhecê-los... indiscriminadamente...

UmDeCadaVez

Jorge Manuel do Vale **Alves Pereira** nasceu em Lisboa, em Julho de 1951. Economista pelo ISE, escola em que concluiu, em 1974, a licenciatura em Finanças, iniciou actividade profissional em 1973, na área financeira da Administração Escolar.

O fim da guerra colonial viria a determinar a sua incorporação apenas em 1977, na Escola Prática de Administração Militar, com posterior integração nos Serviços de Finanças do Exército.

Entretanto, rumou a Washington, onde realizou estudos de pós-graduação, em Estatística, na Georgetown University.

Durante vários anos foi professor e/ou formador, bem como Director Pedagógico de uma escola, no ensino profissional pós-laboral.

Como quadro da Administração Pública, desempenhou funções, sucessivamente, no âmbito da estatística, dos estudos e planeamento, da assistência técnica às empresas e dos incentivos à actividade económica. Exerceu diversos cargos de Direcção, em serviços dos Ministérios do Comércio e Turismo e, mais tarde, da Economia. Neste Ministério é, ainda, assessor da direcção, na DG das Actividades Económicas.

Após concluir, em 1992, o mestrado em Estatística e Gestão de Informação, pelo ISEGI/UNL, participou na constituição do CESD Lisboa, Centro de Formação Estatística para o Desenvolvimento, tendo sido, durante alguns anos, seu Administrador executivo.

Possui, ainda, uma pós-graduação em Prospectiva e Estratégia das Organizações, pelo Instituto de Estudos Superiores Financeiros e Fiscais.

Auditor de Defesa Nacional, em 2003/04, período de que guarda as melhores recordações e mais-valias, é o sócio nº 850/04 da AACDN.

Como defensor da participação cívica e social, bem como profissional, desempenhou também funções autárquicas e é sócio de instituições tão diversas como o Rotary International, a Ordem dos Economistas ou o Sindicato dos Quadros Técnicos do Estado. Enquanto dirigente deste, integrou a Comissão executiva da União Geral de Trabalhadores, que representou em diversas instâncias, nacionais e internacionais, tendo sido responsável pelas áreas da Segurança Social e da Economia e Estatística.

É autor de diversos estudos e ensaios, de análise e divulgação da actividade económica, publicados em revistas da Associação/Ordem dos Economistas, do IAPMEI e de diferentes serviços dos Ministérios do Comércio e da Economia.

AQUI DENTRO ESTÁ TUDO O QUE UMA EMPRESA PRECISA PARA COMUNICAR.

*Preço com IVA a 21%: €84,70 por mês por utilizador (para 5 utilizadores). Custo de adesão: €150 | Preço sem IVA a 21%: €181,50. Condições exclusivas para empresas, com contrato de 36 meses, válidas à data de edição desta publicação.

Voz Fixa - Voz Móvel - Internet Fixa - Internet Móvel

€ 70/mês + IVA por posto de trabalho*, incluindo:

- Telemóvel
- Telefone fixo
- Central Telefónica
- Computador
- Placa banda larga
- Router
- Anti-vírus grátis, durante 3 meses

Ligue já **800 96 00 00** ou vá a **www.tmn.pt**

tmn negócios

PT Comunicações